

CIÊNCIA E VERDADE NO SÉCULO XXI: O IMPÉRIO NEURO E AS TCC
CONVERSAÇÃO FEDERATIVA DA RUA-FAPOL

CONVIDADOS: ALEJANDRO REINOSO (NELCF), FABIÁN SCHEJTMAN (EOL) E MARCUS ANDRÉ VIEIRA (EBP)

Apresentação da RUA, por Cleide Pereira Monteiro (EBP)

Coordenação, por Nieves Soria (EOL)

Nieves Soria: Sejam bem-vindos a essa conversaço. Da parte da RUA (Rede Universitária Americana), agradecemos a todos vocs por estarem presentes tanto no Zoom quanto neste salo. Agradecemos ao Bureau da FAPOL e especialmente ao seu Presidente, Ricardo Seldes, por ter impulsionado e possibilitado a reunião nesta conversaço com todos vocs.

Queremos agradecer especialmente, por sua importâcia, a presença dos decanos, hoje, nesta conversaço federativa, o que faz dela um evento especial.

Contamos com a presença no salo do Decano da Faculdade de Psicologia, Ciências Sociais e Educaço da Fundação Universitária Sanitas de Bogotá, o Doutor Rolando Salazar Sarmiento, e da Doutora María Cristina Piro, Decana da Universidade Nacional de La Plata. Sejam especialmente bem-vindos.

De forma virtual, nos acompanham a Diretora Paula Andrea Hernández Quintero, da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade de San Buenaventura de Cali; a Diretora Magister Mariana Estacio Campoverde, da Universidade Católica de Guayaquil; o Decano Professor Jorge Biglieri, da Universidade de Buenos Aires; o Decano Professor Germán Pereno, da Universidade Nacional de Córdoba; a Doutora Soledad Cottone, Decana da Universidade Nacional de Rosario; e o Diretor Doutor Ignacio Barreira, do Doutorado em Psicologia da Universidade do Salvador.

É uma grande alegria para mim poder participar deste encontro. É fruto do trabalho que viemos levando adiante nessa Rede Universitária Americana para continuar sustentando a transmissão da psicanálise na universidade nos tempos que correm.

Em primeiro lugar, vou dar a palavra a Cleide Pereira Monteiro, que fará uma apresentação da Rede Universitária Americana (RUA) para vocs. Ela é membro da Escola Brasileira de Psicanálise e da Associação Mundial de Psicanálise, docente da Faculdade de

Psicologia na Universidade Federal da Paraíba e coordenadora na RUA, juntamente com Gilson Iannini, pela EBP.

Cleide Pereira Monteiro: A Rede Universitária Americana faz parte da FAPOL (Federação Americana de Psicanálise de Orientação Lacaniana), criada em 2012, como um instrumento para fazer dialogar os princípios da psicanálise frente ao Outro social quando a liberdade da palavra se vê afetada. A FAPOL reúne três escolas – EOL (Escola da Orientação Lacaniana), EBP (Escola Brasileira de Psicanálise) e NELcf (Nova Escola Lacaniana do Campo Freudiano) –, é composta por redes e observatórios que permitem ter uma leitura do Outro social que circunda a vida dos sujeitos.

A RUA foi criada a propósito da grande influência que adquire o discurso universitário no Outro social, discurso que, por instalar o saber no lugar dominante, é o que exige o ensino. Deparamo-nos, ainda, com o avanço dos discursos científicos que não dão lugar à singularidade, e a rejeição à psicanálise que se apresenta em algumas ocasiões.

Dos quatro discursos propostos por Lacan, ele dirá que o discurso analítico é o único que exclui a dominação, pois o que agencia este discurso não é um elemento feito para dominar, mas para causar o desejo, pondo à prova um saber sem valor de ensino. É um discurso que não tem nada de universal, não sendo, por isso mesmo, matéria de ensino¹.

Lacan nos provoca com a questão aberta por Freud, paradoxo do qual se ocupa: “Como fazer para ensinar o que não se ensina?”², indicando que o ele ensina se relaciona com o que se chama a experiência analítica³.

É a partir desta perspectiva que Miller⁴ dirá que o ultimíssimo Lacan, o além-Lacan, é orientado pela desconstrução do que é o ensino. Lacan deixa uma brecha quando indica que é ao se confrontar com seu impossível, que o ensino se renova⁵.

Hoje nos encontramos trabalhando a partir da pergunta sobre o ensino e a transmissão da psicanálise na universidade no século XXI, particularmente diante do avanço dos questionamentos provenientes dos discursos de gênero e da psicologia baseada na evidência.

Esta conversação é a quinta de uma série em que foram abordados os seguintes temas:

1) Patriarcado e função paterna;

¹ LACAN, J. Transferência para Saint Denis? Diário de Ornica? Lacan a favor de Vincennes! *Correio*, n. 65, abril de 2010, p. 31.

² Ibidem.

³ LACAN, J. *Meu ensino, sua natureza e seus fins*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006, p. 81.

⁴ MILLER, J.-A. “Todo mundo é louco” – AMP 2024. *Opção Lacaniana, Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, n. 85, 2022, p. 11.

⁵ LACAN, J. *Op. cit*, 2010, p. 32.

- 2) Falo, binarismo e diferença sexual;
- 3) Feminismos e feminilidade;
- 4) A transmissão da eficácia da psicanálise da orientação lacaniana: entre evidência e real.

A partir da última conversação, a participação da RUA – no início, circunscrita aos docentes membros das escolas da FAPOL –, ampliou-se para convocar a participação tanto de todos os membros das escolas, sejam ou não docentes universitários, como daqueles docentes universitários interessados na psicanálise da orientação lacaniana, sejam ou não membros das escolas.

Esta ampliação implica também uma reorganização da RUA, que estamos levando adiante a fim de nos envolvermos ativamente nos desafios que supõe manter vigente e atual a transmissão da psicanálise na universidade do século XXI.

A nova RUA contará com as seguintes áreas:

* Acadêmica: Será dedicada à coordenação entre as Universidades relativa a questões acadêmicas e se ocupará de pôr em contato os colegas participantes da RUA que estejam pesquisando temáticas afins, bem como organizando atividades de intercâmbio entre eles. Também coordenará orientações de tese, defesas de teses, e outras questões acadêmicas, propiciando laços entre docentes e universidades ligados de algum modo à RUA.

* Publicações: Junto com a RUA foi criada a Revista *Cythère?*, Revista Universitária da Orientação Lacaniana. Esta área manterá contato com a revista, além de buscar outras possibilidades de publicação em revistas universitárias para os colegas participantes da RUA.

* Articulação com RUE: Esta área tratará do intercâmbio de pesquisas e publicações com RUE (Réseau Universitarie Européen/ Rede Universitária Européia).

* Pesquisas: Manterá atualizada a lista de pesquisas universitárias dos participantes, conectando os colegas que estão pesquisando temáticas afins, organizando atividades de intercâmbio entre eles. Também promoverá a criação de diferentes dispositivos de pesquisa para docentes e graduados que fomentem a conversação em torno da dificuldade da transmissão da psicanálise da orientação lacaniana.

Serão constituídas equipes de pesquisas federativas e/ou locais que contarão com dois coordenadores por equipe e cujos temas de investigação decorram das Grandes Conversações da RUA e do tema do ENAPOL. Intentaremos que os resultados dessas pesquisas sejam publicados nas revistas universitárias e que sirvam também para ministrar cursos e seminários em diferentes universidades. Já começamos uma primeira experiência deste tipo na Universidade de Buenos Aires, sob o tema geral: “A orientação lacaniana nos começos das análises”, e foram montadas cinco equipes de pesquisa coordenadas por: Ezequiel Argaña e

Gerardo Battista; Soledad Arrieta e Pablo Olivero; Valeria Casali e Julián Lastra; Eugenia Cora e Ezequiel Nepomiachi; Alma Montiel e Juan Sist.

Além disso, a partir da RUA, queremos promover a criação de cartéis, tanto regionais, locais ou inter-Escolas, entre participantes da RUA e os demais atores do âmbito acadêmico, estudantes, graduados e docentes.

Todos os inscritos na RUA receberão em breve por e-mail mais detalhes destas iniciativas para que possam somar-se ao trabalho.

Como tornar viva a presença da psicanálise na universidade, com tudo que isso comporta de desafios? Uma rede de trabalho se tece com a Rua.

Esta nova proposta de trabalho aqui apresentada é subscrita pelos coordenadores de Rua em cada Escola:

Nieves Soria e Lucas Leserre (EOL)

Ana María Solís e Marlon Cortés (NELcf)

Gilson Iannini e Cleide Monteiro (EBP)

Nieves Soria: Obrigada, Cleide. Vamos dar início às apresentações dos convidados de hoje.

Como vocês sabem, o tema de nossa conversação de hoje é “Ciência e verdade no século XXI: o império neuro e as TCC”.

Tomamos como ponto de partida a observação de Jacques-Alain Miller, na página 142, de *Todo el mundo es loco*, onde assinalava, 15 anos atrás: “Y ahora tenemos que constatarlo, parece irresistible, lo real se volvió *neuro-real*. El *neuro-real* es llamado a dominar los años que vienen. Nosotros tendremos que averiguar qué hacer con ese *neuro-real*”.

De fato, o império neuro avança de modo irrefreável, invadindo a vida cotidiana, os meios, a cultura; enfim, a realidade e os corpos dos falantes.

No âmbito universitário, a mudança da época instala um sentido comum segundo o qual a psicanálise seria obsoleta e pseudocientífica, instalando o paradigma da psicologia baseada em evidências.

Diante dessa constatação, realizamos uma conversação em 17 de abril deste ano com o tema “A transmissão da eficácia da psicanálise de orientação lacaniana: entre evidência e real”. Chegamos a essa conversação com as seguintes perguntas:

- Que estratégias e táticas adotamos para transmitir a psicanálise de orientação lacaniana hoje?

- Como transmitimos a atualidade dos textos de Freud e Lacan?

- Que posição tomamos diante do avanço do discurso científico, da tecnologia e particularmente diante dos novos desenvolvimentos das neurociências?

- De que modo fazemos valer o pé que articula psicanálise e ciência?

- Como demonstramos com clareza e simplicidade os efeitos de nossa intervenção no campo do gozo, do mal-estar de alguém que sofre?

Dessa conversação decantaram três problemas fundamentais. É em relação a cada um deles que convocamos três colegas para abrir a conversação a partir de alguns desses pontos, tendo em perspectiva o texto lacaniano “Ciência e verdade”, que será nossa referência fundamental para abordar os desafios que a psicanálise enfrenta diante do império neuro.

Convocamos Alejandro Reinoso para comentar sua posição em torno do problema que implica a elaboração de um saber cifrado e fechado no interior das Escolas.

Convidamos Fabián Schejtman para nos falar de sua posição sobre a exaltação do singular em detrimento das estruturas clínicas e dos tipos de sintomas.

Também pedimos a Marcus André Vieira sua opinião a respeito do que se costuma ouvir como sendo uma posição anticientífica ou obscurantista da psicanálise.

Começamos com Marcus André Vieira. Ele é AME da Escola Brasileira de Psicanálise (da qual foi Presidente e Diretor), AE (2013-2016), professor da Universidade Católica do Rio de Janeiro e autor de *A escrita do silêncio*, publicado [na Argentina] pela editora Tres Haches. Ele intitulou sua intervenção “Crer, descrever, forcluir”.

Marcus André Vieira: Obrigado, Nieves, Cleide e Gilson, pelo convite. É uma questão difícil de dizer: como trabalhamos contra – apesar de nós mesmos – a transmissão da psicanálise na universidade?

Vale lembrar uma distinção no interior do império neuro: de um lado, a ciência como trabalho de pesquisa que produz objetos técnicos, a matematização do real; do outro, o destino e o efeito desses objetos na cidade – efeito de uma aliança entre ciência e mercado, a aliança entre ciência e gozo. Isso implica um divórcio entre ciência e verdade.

Isso me permite colocar de um lado os “terraplanistas”, inclusive os “terraplanistas econômicos”, que querem objetos da ciência para gozar. Eles não estão interessados na verdade: o *iphone*, mas “a terra não é redonda”.

É assim que entendo o sucesso das TCC e dos *coaches*. Eles vendem um objeto que é de gozo bem-sucedido. No fundo, eles não acreditam, não funcionam com o sujeito suposto saber apesar de mobilizarem muitos crentes. São, em um certo sentido, descrentes.

Nesse sentido, como trabalhar com as TCC na universidade, com os colegas que trabalham com isso? Em geral, não há conversa com os colegas das TCC e de outras técnicas do discurso capitalista.

Do outro lado, com a ciência, é evidente que é importantíssimo não deixar de um lado a ciência e, de outro, o laboratório universal da ciência. Isso aprofunda o divórcio entre verdade e ciência.

Em nosso campo, é comum fazer essa oposição romântica entre o verde da árvore da vida e o cinza da teoria, entre o poema e a matemática, a arte e a física. Exatamente por colocar as coisas em outros termos, nasceram tanto a ciência como a psicanálise.

Se com o trabalho louco da cópula significativa da técnica, entre a psicanálise e a ciência como o laboratório universal, hoje, talvez não haja conversa, talvez haja um trabalho.

Aqui, há muitos riscos, mas há um trabalho entre nós e a prática científica.

Pensei em dois ou três exemplos polêmicos que mostram que a ciência precisa de nós hoje. Tive muitas discussões, no Brasil, sobre a pseudocientificidade da psicanálise. Há muitos estudos na *Nature Science* e em outras revistas da ciência *hard* procurando demonstrar que o córtex pré-frontal realiza uma atividade inibitória sobre as outras regiões do cérebro. Assim, estaria provado que o recalque existe entre os neurônios. Rir disso talvez não seja o melhor a fazer. Estão se valendo de nós para alguma coisa.

Por exemplo, a inteligência artificial começa a usar os quatro discursos de Lacan para que a máquina aprenda e, através dos algoritmos, estabeleça as diferenças entre o discurso neurótico e o esquizofrênico. Com os quatro discursos de Lacan podem fazer diferenciações diagnósticas e não com as imagens cerebrais, sempre muito próximas de um delírio localizacionista.

Não temos que pensar que a ciência siga absolutamente sem nós.

O que acontece em relação a tudo isso em nosso campo, na AMP?

Vemos fenômenos de crença que são intensos em nossa comunidade vinculados ao sujeito suposto saber. O perigo é que isso assuma um modo defensivo.

Somos os apóstolos do sujeito suposto saber, do furo no infinito, em um mundo onde o mestre clássico não está interessado no real do furo como negatividade.

Aqui está o risco de nosso “obscurantismo”, de crer que nossa comunidade é um Outro que sabe: esquecer que o inconsciente transferencial e o sujeito suposto saber são apenas caminhos para nosso real, que está muito do lado do desencadeado, como osso irreduzível. O furo do sujeito suposto saber é tão somente um meio para aceder ao poder transformador dessa intensidade sem forma do real.

Isso pode levar a um certo achatamento das vozes de uma comunidade. Como se fôssemos todos irmãos, unidos pela exceção (certamente vazia, mas ainda assim reconhecida como sendo do mestre).

Em um tempo em que o pai não dá mais as cartas isso se percebe de longe.

AMP is the new IPA – escuto isso cada vez mais. Isso fica ainda mais grave na universidade, onde muitas vezes estamos do lado de fora da eficácia do sujeito suposto saber.

Como ensinar, por exemplo, quando há transferência negativa? Entendo isso como estando em diálogo com um Outro que não reconhece nenhum saber como um saber de exceção. É quando paira no ar algo como “ou você me garante que vai me dar a chave para o gozo ou você aceita que seu saber tem o mesmo valor que qualquer outro”.

De toda forma, me parece que já não funciona falar de panoramas, falar do ensino de Lacan como um panorama, porque, para isso, é necessário concordar com esse ponto de exceção.

Eu diria que é necessário mobilizar pelo menos alguns conceitos que *nos pegaram pelas tripas*. Apostar nesses pontos mais lexicais que panorâmicos, por exemplo, poderia produzir esse ponto de exceção, em vez de contar com ele como se ele fosse real.

Nieves Soria: Obrigada, Marcus. Agora, Alejandro Reinoso tomará a palavra. Ele é psicanalista em Santiago do Chile, membro da Associação Mundial de Psicanálise, membro da Nueva Escuela Lacaniana del Campo Freudiano e da Scuola Lacaniana di Psicoanalisi (SLP). É AE (2018-2021). Professor titular na Universidade Católica do Chile nas disciplinas de Psicanálise e Construção do caso clínico. É supervisor de estudantes na prática profissional na Graduação e no Mestrado. Ele intitulou sua intervenção como “Falar a língua do Outro”.

Alejandro Reinoso: Obrigado, Nieves. Agradeço ao Bureau da FAPOL por este convite. Fico contente que este seja um espaço de conversação e não um espaço de cátedra e que a ênfase esteja posta nos obstáculos que os próprios analistas ou que a psicanálise, se pudéssemos generalizar, coloca, dando tiro no pé, na universidade – vamos dizer assim.

Falar a língua do Outro é o início de uma frase de Miller que segue deste modo: *sim, mas para dizer o que o Outro não quer escutar*.

É nessa ordem e não ao contrário, porque, se os analistas vamos à universidade para dizer o que o Outro não quer escutar sem falar a língua do Outro, estamos em um tremendo impasse.

O impasse é ou a transferência negativa (no melhor dos casos) ou o rechaço; ou seja, nem mesmo transferência.

“Falar a língua do Outro” surgiu como um sintagma na FAPOL a respeito dos observatórios para ver como a psicanálise se faz incluir nas instituições. Foi daí que surgiu uma fórmula que parece ensinante: como a psicanálise faz com que as instituições venham até a psicanálise; isto é, ao contrário.

Eu me perguntava se a universidade não ficou aí como uma instituição, como uma coordenada.

É certo, a universidade tem suas características, mas me parece que há uma grande dificuldade para nos incluirmos nessa fala universitária.

Na universidade, fala-se. Falam os estudantes, os acadêmicos, os diretores. Nós falamos dela na Escola. Mas como falamos da universidade? Uma coisa é como falamos na universidade e outra coisa é como falamos da universidade. São perguntas para a conversação.

Falamos bem da universidade ou falamos mal? Será que, às vezes, não a difamamos quando falamos em nosso contexto?

Nós a tratamos como uma mulher: nós a difamamos.

Certamente é um território em disputa de lugares, de transmissões e, sem dúvida, de transferências. Esse é um ponto crítico entre os acadêmicos e em relação às grades curriculares: como se distribui a psicanálise diante das outras orientações?

Podemos falar psicanaliticamente sem falar em “lacanês”?

Me parece óbvio que nas sessões de análise não falamos em “lacanês”.

É possível falar na universidade sem falar o “lacanês”? Sem dúvida, é necessário contar com o saber exposto, como dizia Marcus, outra coisa é que esse saber exposto não seja entendido ou que permaneça no nível do sentido e não como pensamos analiticamente: com um efeito de fuga de sentido, ou seja, de furo.

E não me refiro apenas às disciplinas. Também me refiro às pesquisas. Muitos analistas participamos em comissões da Universidade com colegas de outras orientações. Fazemos função de extensão universitária.

No caso dos professores titulares, essa função é a co-governança da universidade e, portanto, eles são convocados a funções críticas nas quais obviamente não se fala em “lacanês”. Falamos a língua do Outro como fazemos no dispositivo analítico.

Esse obstáculo fica ainda maior nesta época, quando o Um universitário é um reflexo desta época. Ou melhor, há certos discursos, não em toda a universidade, mas em alguns ambientes da universidade que têm um ar de restauração neopositivista, ou seja, de reordenamento curricular, de segregação de tudo aquilo que não esteja no discurso e na língua da ciência, em seus métodos e em suas formas de validação.

Esse tipo de restauração atual tem uma língua, como diz Miller, que se escreve em inglês. Nela, o S_1 fundamental é a evidência, mas não apenas a evidência, é “a evidência diz”, “a evidência diz que...”.

Isso sem dúvida tem uma estrutura religiosa. O Evangelho diz, a evidência diz.

Esse ponto que já não é a ciência, mas que é o delírio cientificista – que é outra coisa –, elimina a dúvida cartesiana e, portanto, aí, a pergunta pela verdade do sujeito resta eclipsada.

Desaparece a hipótese do método científico e o que há é uma confirmação sobre outra confirmação.

Isso, definitivamente, é uma defesa diante do real. Então, nos perguntamos: o que fazer com ela? Quem a encarna? Quais são as estratégias delimitadas, discretas, não universais para lidar com ela?

Enquanto a universidade tenta fazer com que tudo funcione, sabemos que isso é impossível por estrutura. A universidade está cheia de impasses, conflitos, problemas que o discurso do mestre quer aplacar, quer dominar. Aí a escuta se faz necessária e é conveniente dar lugar a essas perguntas através de uma conversação ou simplesmente fazer com que os outros sujeitos falem.

Quando fazemos com que o cientista fale, nos encontramos com sua angústia. O cientista se angustia. A propósito do filme *Oppenheimer*, é a angústia do cientista contemporâneo, o agrônomo, o engenheiro florestal, etc.

Outro de nossos obstáculos está no fato de que pensamos que a transmissão acontece através do S_2 .

O S_2 , o mesmo discurso universitário – para nos incluirmos na universidade –, é um beco sem saída para o lugar do analista [na universidade].

Não estamos dizendo que devemos eliminar o saber exposto, mas devemos levar em consideração os limites do saber exposto, assim como também as armadilhas e o enfeitiçamento do “lacanês” entre os estudantes. Para muitos estudantes, isso produz um rechaço visceral, enquanto outros ficam enfeitiçados por nossa língua, que é como o flautista de Hamelin.

A psicanálise em seu discurso é um hétero e, portanto, mais que *uni*-versitário, ele é *multi*-versitário, porque acolhe e dá lugar à contingência que ocorre na universidade: alunos com certificados médicos, alunos com crises de pânico que apresentam depressões, que não conseguem concluir os exames, que ficam paralisados. São todas contingências que não necessariamente requerem o protocolo; ou, em vez disso, há que se servir dele a nosso modo.

Para falar e habitar a língua do Outro é necessário contar com um espaço de conversação. Isso leva tempo, é preciso habitar o espaço universitário.

Trata-se de um espaço de conversação em que aparece algum nexos e, nesse ponto, acredito que haja uma pista. Ela foi proposta certa vez por Miquel Bassols⁶ em uma apresentação que se chamava “A transferência hoje”.

Como fazer transferência com outros na universidade?

Para finalizar, compartilho uma anedota com vocês. Colegas muito científicas, quando aparece algum conflito, algum problema ou sintoma na família, não perguntam por recomendações para os das TCC para tratar de seus parentes.

Obrigado.

Nieves Soria: Obrigada, Alejandro. Agora, dou a palavra a Fabián Schejtman. Ele é psicanalista, Doutor em Psicologia pela Universidade de Buenos Aires. Membro da Escuela de la Orientación Lacaniana e da Associação Mundial de Psicanálise. Professor titular da Cátedra II de Psicopatología e Diretor do Mestrado em Psicanálise da Faculdade de Psicologia da Universidade de Buenos Aires. Docente do Instituto Clínico de Buenos Aires e do Mestrado em Clínica Psicanalítica da Universidade de San Martín.

Entre suas publicações, destacam-se *La trama del síntoma y el inconsciente*, *Elaboraciones lacanianas sobre la neurosis*, *Elaboraciones lacanianas sobre la psicosis*, *Psicopatología clínica y ética: De la psiquiatría al psicoanálisis*, *Sinthome. Ensayos de clínica psicoanalítica nodal* e *Philippe Dick con Jacques Lacan. Clínica psicoanalítica como ciencia-ficción*.

Ele intitulou sua intervenção como “Extravios do singularismo”.

Fabián Schejtman: Agradecendo a Nieves pelo convite, também agradeço ao Bureau da FAPOL e especialmente a Ricardo Seldes.

Minha experiência analítica conseguiu moderar um sintoma para mim e, então, agora tenho certo gosto pelos rodeios.

Vou convidar vocês a ter um pouco de paciência, porque vou fazer um rodeio para chegar ao ponto ao qual quero chegar. É um rodeio ao qual fui conduzido, já faz alguns dias, pela Seção La Plata da EOL, onde encontrei uma chave que é a que quero compartilhar com vocês para abordar o tema de hoje.

Tomarei como chave de leitura a conhecida citação de Lacan do Seminário 24, que indica que entre loucura e debilidade mental não há senão escolha. E compartilho com vocês minha leitura, dela e do tema que abordaremos.

⁶ Bassols, M. “La transferencia hoy”. Disponível em: <https://www.radiolacan.com/es/podcast/conferencia-la-transferencia-hoy/4>

Pois bem, entre ciência e verdade, no século XXI, está em jogo o destino da psicanálise. Como dizer... entre número e significante. O número que a ciência desata enlouquecida e o significante que, articulado, chega a nos debilitar em uma significação muitas vezes soporífera. Mas não se trata de optar.

Convido vocês a considerar que, em sua indicação do Seminário 24, Lacan não salienta que teria que haver uma inclinação pelo excesso heroico de um desencadeamento louco ou então pela alternativa conservadora da debilidade que, mentalmente, faz nó – além do mais, essa última frequentemente promovida pelo analista que prefere “melhor estável e adormecido que desencadeado e enlouquecido”.

Detenhamo-nos por um momento na própria frase: “entre loucura e debilidade mental não há senão escolha”. Que se entenda bem: a escolha habita aí, entre. E, se não se opta, pode-se escolher precisamente... a escolha. Pesca-se isso justamente *entre* loucura e debilidade ou entre ciência e verdade (para ir ao tema que nos convoca hoje). E, assim, entre número e significante... uma escolha que pode entre-abrir-se em um caminho, suportada em letras que se escrevem a partir do que, de nossa experiência, a da psicanálise, se precipita (“Lituraterra”). Isso, se é que o analista se deixa molhar por essa chuva... e se torna clínico – e isso é uma escolha, não acontece por si.

Baixo minhas cartas, então: assim que indicar brevemente a que me refiro com o “singularismo” e seus extravios – especialmente em nosso campo –, procurarei transmitir para vocês o que encontrei como remédio para eles, uma espécie de antídoto que, se não é contra todos os males deste mundo – como dizia nosso querido Luis Alberto de sobrenome Spinetta –, pelo menos será no nível de uma *escolha* possível apoiada em uma orientação política, a nossa, que não é outra que a do sintoma.

Singularismo

O singularismo não é o cuidado do singular, pelo qual o psicanalista deve velar. É o reducionismo que, entre nós, representa hoje, ao meu juízo, uma das espinhosas consequências da tentativa de sujeitar a psicanálise à política – à da cidade, que não se confunde com aquela que há pouco nomeei como nossa – e que termina no paradoxo de que é ela, a política da cidade, ou melhor, a que nos invade, pressionando o analista a arriar as bandeiras do seu desejo para ficar submetido ao serviço dos ideais e do sentido comum prevalente na *polis* – como o padre do apólogo freudiano que se retira se ter transmitido um pingo de sua fé ao vendedor de seguros em seu leito de morte, mas... levando embaixo da batina a apólice que ele lhe vendeu.

Parafrazeando Freud, cremos que trazemos a peste, mas somos nós que terminamos empesteados.

E a que ideais o psicanalista fica submetido nesse caso? Aos ideais do fatal individualismo que impera em nosso tempo e afina o-empuxo-ao-consumo próprio do discurso capitalista. Ou não se percebe que ele é tão sagaz que já não nos tenta a consumir de modo universal e indiferenciado, mas atendendo minuciosamente às particularidades e individualidades que isola e engrandece para distribuir melhor seus produtos, que nem sintomas são? No final das contas, para que servem os *Big Data* senão para repartir a chamada humanidade em grupos de consumidores bem particulares, já que não desconhecem – e sabem disso antes do analista – que há comunidades de gozo à espera de delícias suficientemente especializadas. E além disso, o *Big Brother*, não contente com a segmentação particular, consegue se meter em nossos computadores e celulares e descobrir as nossas satisfações mais íntimas. Cuidado! Já estamos na mira de concepções muito mais ajustadas a nossas apreciadas individualidades contemporâneas em sua diversidade, as quais devem não só serem respeitadas, senão também exaltadas para, em seguida, serem mercantilizadas.

Então, que na *lalíngua* analítica, entre nós, zumbam como abelhas os termos “sujeito”, “castração”, “diferença”, “gozo”, “sinthoma”, “singularidade”, que repetimos e repetimos e nos quais acreditamos nos reconhecer, não garante nenhuma distância ética em relação à sutil estratégia que o discurso do capitalismo monta hoje em torno do avanço da tecnociência. Muito pelo contrário, tantas vezes esvaziadas do espírito da psicanálise, essas palavras se tornam infiltrações solapadas do irrefreável predomínio de um discurso que hoje prevalece, paradoxalmente globalizado, assaltando de forma pouco sutil cada resquício humano por mais singular que se queira.

Talvez convenha, a essa altura, reconhecer como não resolvida a nossa relação com a ciência e o discurso capitalista e, no melhor dos casos, sintomatizá-la – mesmo que esses sintomas continuem esperando por uma interpretação conveniente, que deverá recair, creio eu, sobre os dois lados do extraviado singularismo analítico que resumo assim:

- Pela direita, a ideia de que ao singular se chegaria operando sem mediação alguma a contrapelo do sentido, quando não o contestando cada vez que desponta seu nariz. Por esse lado, considera-se pertinente uma suposta orientação por um real (ainda por definir) que só prosperaria suspendendo o trânsito pelas ficções sobre as quais se baseia qualquer aproximação ao registro da verdade. Surpreendentemente, essa perspectiva conduz direto aos *slogans* mais atuais que os pensadores da pós-verdade nos vendem. Mas, sem chegar a Desargues nem ao infinito, Pedro Grullo sabe que os extremos se unem.

- E agora, então, pela esquerda, há psicanalistas que se declaram anticapitalistas⁷, quando não decididamente anticientíficos e que, sobretudo, se envergonham da prática do diagnóstico quando não a condenam abertamente reduzindo-a a um resquício médico do qual deveríamos nos livrar. É que o diagnóstico, nessa consideração, tipifica e estigmatiza, fragilizando as pretendidas singularidades. Um passo a mais e elas já se encontram perfeitamente a salvo embaixo do guarda-chuva tão politicamente correto da despatologização.

Contudo, que o registro da verdade seja inevitável em nossa prática, por mais real que seja o horizonte que se considere e que haja um *pathos* ineliminável – o que o trauma de lalíngua induz no ser falante e do qual não nos curaremos –, não detém aquilo que se extravía, embora o deixe na borda mesma do discurso ao que pretende servir, intoxicado pelo dogma imperante. Então, como se sai dessa falsa opção? Como já se antecipou, escolhendo *entre*. A essa fenda – que não é o caminho pela direita nem pela esquerda –, sim, vale dedicar-se, para velar por um singular compatível com nossa orientação, tomando distância de qualquer reducionismo singularista. Mas o que seria esse antídoto, o qual, além do mais, nos serviria de apoio para a transformação da psicanálise – especialmente aquela que se produz no contexto universitário? Simplificando: a clínica da psicanálise.

Clínica

Atenção: a clínica psicanalítica não é a experiência ou a prática da análise (da qual ela provém). Ela implica, antes, um artifício adicional: seu redobramento conceitual, eventualmente, sua formalização. Daí que Lacan, no Seminário 22, tenha sustentado que é preciso que o analista seja ao menos dois: o que conduz o tratamento e o clínico que a formaliza. É que a eficácia da psicanálise – por mais verificada que esteja –, não lhe foi suficiente. Pedia ao analista que expusesse seus motivos (“Abertura da sessão clínica”), algo que apenas o clínico pode invocar lendo e escrevendo (essas são as letras evocadas acima, que precipitam entre número e significante) a partir – está claro – do que conta (o número) e do que se conta e se diz (o significante) em uma análise.

E isso já é um rolo, que se enrola e enrola. Pois a subsistência da própria psicanálise depende, por sua vez, da ex-istência do clínico que emerge dela, já que, caso ele saísse de cena (o clínico que lê, escreve e formaliza), não se saberia em que nosso afazer se distinguiria dos esoterismos, magias ou religiões à venda em todas as esquinas – com os corolários de endogamia

⁷ Essa não é a saída do discurso capitalista, tal como, um por um, se houvesse, Lacan propôs em “Televisão”.

e obscurantismo. Como se sustentaria sem o recurso clínico, entre nós, o debate das luzes, o laço que, tanto Freud como Lacan, pretenderam que nossa prática mantivesse com a ciência (mesmo quando com ela não se confunde), uma vez que guarda em seu coração a marca que provém dela?

Aristóteles

Se construirmos casos propriamente clínicos, na psicanálise esses casos devem cair⁸ – aqui manda a etimologia – e desembaraçar-se do já desgastado “depende do caso a caso”. Esse lugar comum só é sentido comum no que se protege quem evita a clínica e a transmissão da psicanálise. O analista que devém clínico (e especialmente na universidade) não pode mais que passar do reducionismo singularista apoiando-se no nó do singular, do particular e do universal (do filósofo – aí, somos incuráveis). E isso nas três vertentes às quais o clínico recorre em relação a esse nó: construções nosológicas dos percursos de um tratamento e do ensino da psicanálise.

Sobre a perspectiva nosológica, ao lado do que não há – a relação –, Lacan chegou a postular o que há: uma clínica, tipos clínicos, tipos de sintomas, tipos de nós (“Introdução à primeira edição alemã dos Escritos”, Autocomentário). Assim, por mais diferentes que sejam dois obsessivos no tocante à sua singularidade ou mesmo que nada explique menos o singular de uma histérica que outra, o nó da histeria não é o da obsessão (Seminário 22) e, de forma ainda mais contundente, o borromeísmo neurótico se distingue da interpretação ou continuidade que enrijecem os nós psicóticos. Sem dúvida, o caso singular desafia a tipificação, mas esqueceremos que, nunca pródigo em exemplos, quando Lacan mexia com eles, ele os levava ao paradigma (“Introdução à primeira edição alemã dos Escritos”)? Ida e volta, seu realismo – nodal – promoveu uma clínica do sintoma que quis séria, ou seja, apoiada no real do sintoma, que escreve nomes singulares em nós que podem – e se podem, devem – colocar-se em série. Lembre-se de que o próprio Lacan (na Intervenção depois de “O prazer e a regra fundamental” de André Albert) terminou postulando que não há singular que se atinja (e apenas furado) senão suando por uma série de particulares.

Então, por mais singulares que sejam os percursos de um tratamento, Freud já ensinava que, como no xadrez, os inícios e os finais de análise são compatíveis com a formalização. A entrada em análise é um “tipo de início” do qual Lacan não se privou de oferecer um algoritmo (“Proposição de 9 de outubro de 1967”). E não é o único – tipo de início – imaginável, se é que o psicanalista é um objeto versátil; embora não todos os que consultam se tornam sempre

⁸ A pessoa que vai à consulta não é o caso clínico: o caso Dora não é Ida Bauer.

analísantes⁹. Em relação ao final do tratamento, pode-se lembrar aqui que Miller (De mulheres e semblantes) distinguiu “tipos” femininos do final – por atravessamento da fantasia – e tipos masculinos de final – por compressão da fantasia ou por identificação ao sintoma.

Por fim, na hora de lidar com o ensino da psicanálise, Lacan jamais evitou nem desprezou a via do universal. O inconsciente está estruturado como uma linguagem, não há relação sexual, há (do) Um, tomo mundo é louco... São proposições universais com as quais, provenientes da experiência analítica, o ensinante maneja, sem as quais não há argumentação nem debate algum com a ciência. Está bem que o analista fique em silêncio – e apenas quando lhe cabe – se ele dirige um tratamento, mas ele não pode costurar sua boca se aposta na transmissão da psicanálise e se decide ensinar até mesmo aquilo que é impossível de ensinar (“Lacan a favor de Vincennes”), entrando no diálogo ao qual a época o convoca.

Nieves Soria: Obrigada, Fabián. Temos meia hora para conversar um pouco, uma conversa que seguramente continuará por outros meios.

Temos duas possibilidades de intervenção: para os que estão na sala, que se aproximem do microfone que se encontra no corredor atrás; e para os que estão participando através do Zoom, podem fazer isso pelo chat.

Intervenções e respostas

Marlon Cortés: Uma pergunta bem específica para algo que, tangencialmente, Alejandro Reinoso mencionou. Se o S_2 é uma dificuldade na transmissão da psicanálise, isso significa que a transmissão da psicanálise não depende de que haja disciplinas explícitas para conceitos psicanalíticos?

Lucas Leserre: Muito obrigado pelas apresentações. Queria pedir para Marcus e Alejandro que falassem um pouco mais. Marcus, nessa diferença que você fazia entre transmitir para além da ordem do léxico e não tão panorâmico, você poderia se aprofundar nessa diferença? Porque me parece que isso se articula com o que Alejandro considerava com o “lacanês”. E, nesse sentido, Alejandro, queria pedir se você podia falar um pouco mais sobre essa transmissão da psicanálise que leve em conta a fuga do sentido e não tanto o sentido; e, nesse

⁹ Casos de psicose, mas não apenas: casos de neuróticos com sintomas denominados contemporâneos que nem sempre acabam começando uma análise em sentido estrito; enfim, casos de análise difícil, dificultada, eventualmente impossível ou, por que não, diretamente inconveniente ou desaconselhada por diversas razões. O psicanalista não deve ser nunca um fanático e, menos ainda, da psicanálise que poucas vezes deixa de ter um lado iatrogênico que não pode ser ignorado.

ponto, com o que Fabián dizia no final sobre sermos clínicos... Como articular essa questão do saber exposto? Também queria acrescentar que as TCC também se orientam pelo singular: cada um tem um cérebro singular. É o que se vende. Não há necessidade de estar em sintonia com isso. Muito obrigado.

Mónica Febres Cordero: Agradeço a cada um pelas apresentações, ótimas. Quero retomar um ponto em função de uma experiência que tivemos faz pouco mais de um ano na Universidade de Santiago de Guayaquil, onde fui professora na graduação e agora no Mestrado em Psicanálise. A situação foi um mal-estar bem grande entre os estudantes, que questionavam a orientação “psicanalítica” da Faculdade de Psicologia – e que nem é tanto assim, já que se ensina de tudo. Nesse momento, me pareceu importante abrir espaços de conversação e não de dominação: isso é o discurso psicanalítico, é isso que tem que se fazer... escutar esse mal-estar, “por que ele se apresentava?”, “até onde ele ia?” e também legitimar a possibilidade da discordância. Não uma discordância fechada, mas conversar. Uma saída que propusemos – e que foi maravilhosa, na minha opinião – foi convidar Inés Sotelo a dar um seminário virtual em Guayaquil. Porque dessa maneira se prova – vejam só –, dá-se uma evidência do que nossa orientação analítica pode produzir como bons efeitos. Obrigado.

Miguel de la Rosa: Sou professor na universidade em que Mónica também foi professora. Ficou ressoando para mim aquilo que Alejandro trabalhou em relação a poder falar a língua do Outro. Em minha experiência, apesar de ser jovem, a geração que está começando a estudar psicologia está em outra vibração. Há uma descrença na psicanálise. Eles pensam em “como isso aterriza na atualidade?”. Uma coisa que trabalhamos na seção foi pensar sobre como transmitir algo vivo da psicanálise. Eu fiquei pensando agora, sendo professor, uma pergunta que me parece que é preciso atualizar e que terá outros matizes: será que a transmissão também não está ligada ao nosso momento de formação como analistas? Eu tenho comigo a ideia de que não se pode chegar a transmitir a psicanálise se não há algo que se possa desvelar, pontuar, chegar a um ponto de nossa formação; caso contrário, o que acontece na universidade fica muito dogmático e isso fecha as transferências, mata a psicanálise. Obrigado.

Solana González Basso: Achei muito interessante como se retomou a citação sobre falar a língua do Outro, mas para dizer aquilo que não se quer escutar, porque geralmente não se considera essa segunda parte. Ainda assim não basta apenas retomar a segunda parte, também é preciso situar isso em termos topológicos, como você dizia. Porque me parece mais difícil quando se tem que definir. Definir a língua do Outro como substantivo, me parece que não é o

caminho. A outra coisa que eu gostaria de abordar está em relação ao “diz que da evidência”. Isso me fez lembrar o texto de Miller “El aparato de psicoanalizar”¹⁰, no qual ele diz que Searle abre o campo ao sentido e, depois, se depara com o problema de que não consegue localizar o real. Nesse ponto, ele diz que o Everest é o real. A psicanálise não pode ter um real tão fútil, tão infantil porque temos a crença no sintoma. Então, me parece que nós tampouco estamos tão distantes de cair no inefável e não apenas a restauração positivista, ou melhor, com “a evidência diz que”. Nós também, como psicanalistas, se não nos orientamos pelo real com a crença no sintoma, podemos cair no inefável. Obrigado.

Alejandro Reinoso: Obrigado pelas intervenções. São pontos que se abrem. Falar a língua do Outro não significa assimilar-se. Talvez pudesse ser, como uma leitura possível: falar a língua do Outro seria falar uma língua comum. Não há língua comum. É uma entrada que permite a conversação para fazer entrar o intratável, o sintoma. Está certo aquilo que Lucas mencionava. De fato, as TCC estão promovendo o cérebro singular. Temos que ver como os psicanalista lidamos com isso. Cérebro singular agora. Como dizia François Ansermet, a cada um seu cérebro. Esse ponto de “a cada um seu cérebro” faz com que pareça que tudo pode ser tratado. Novamente, aparece o todo e, assim, fica excluída a pergunta sobre qual é o lugar do incurável, esse ponto do real que não se deixa tratar. É um ponto que eu queria sublinhar. O segundo ponto, sobre o tema do S₂. O problema do S₂ é a consistência e a ausência do tropeço, porque, se não podemos dizer, [recorremos ao] “Freud diz isso”. Estamos na mesma, não? “Lacan disse isso em tal seminário” e a pessoa baixa a cabeça e diz “sim, sim. Por favor, concedido”. É preciso ter cuidado com isso. O ponto é que também não parece ser necessário ter um departamento específico, porque é possível participar em departamentos mistos, como ocorre em algumas universidades. Comigo aconteceu de participar em departamentos com colegas da Psicologia do eu, sistêmicos, das neurociências e é possível conversar. O ponto a partir do qual é conveniente que apareça o tropeço, já que não se é cada um igual ao outro. Há olhares diferentes. É um multiverso babélico. Não importa tanto que seja Babel, mas onde o tropeço aparece, onde aparece o real que permite esse ponto da fuga do sentido. O sentido escapa aí para poder pegar aquilo que, por exemplo, as TCC consideram que é tratável, quando até mesmo a própria evidência das TCC mostra o intratável. O que acontece é que aí se fala de tratamentos paliativos. Tratam isso de outra maneira: colocam isso em uma espécie de lugar para um tratamento de manutenção. Não têm os êxitos que outros tipos de sujeitos conseguem. Uma coisa que Mónica sublinhava é

¹⁰ Miller, J.-A. “El aparato de psicoanalizar”. Disponível em: <https://www.revistavirtualia.com/articulos/642/destacados/el-aparato-de-psicoanalizar>

a evidência. Que leitura teriam os analistas da evidência, já que não vamos brigar com a evidência científica? Aquilo que faz efeito de corpo é um aspecto crucial na sala de aula, em uma aula, em um encontro com um estudante no corredor, no café. É assim que se faz evidente algo que não é da ordem do olhar, senão que tem um efeito no corpo. E a pergunta é se falamos da evidência pelo que diz Freud, Lacan ou a AMP ou porque geramos contingências que produzam efeitos de corpo na universidade.

Marcus André Vieira: Quero sublinhar primeiro o que Alejandro diz de outra maneira. A conversação é o que devemos fazer. Para isso, é necessário tempo e corpo, porque com eles os pontos de impossível podem se converter em contingência – que é algo que se trabalha. Porque entre os discursos os pontos de impossível não geram contingências. Uma coisa é a conversação com colegas e outra é crer que há conversação possível entre a psicanálise e as TCC. Temos que debater muito sobre isso. A conversação, quando falamos dela, é algo com o corpo que produzimos a partir do impossível. Mas quando os discursos estão no ar, os impossíveis não se cruzam. A respeito do S_2 e do S_1 , é preciso distinguir entre o S_1 do jargão que se repete e aquilo que mencionei como léxico. É esse ponto contingente de corpo capturado por uma ideia ou conceito e isso engendra efeitos de S_2 possíveis depois. Começamos pelo S_1 porque não seguimos de forma panorâmica, senão só desenvolvendo o par S_1 - S_2 já posto. Há uma outra face disso. Esse S_1 não pode ser um jargão que se repete. Será que isso não está no fundo do nosso obscurantismo? Sim, é justamente produzir um encontro com um saber e estamos aí para fazer isso, um encontro do S_1 com o S_2 .

Fabián Schejtman: Duas questões, uma em referência ao assunto da singularidade que aparentemente haveria na TCC, cérebros singulares... Eu localizaria isso do lado do singularismo, que é comprável, mercantilizável. Qual é o nosso? Por isso, não basta que a gente fale da singularidade. Temos que falar de nossa singularidade sintomática, incurável, intratável e que entra no campo da mercantilização, por um lado. Por outro, está a discussão sobre o S_2 e o saber exposto. Gosto da ideia que Alejandro propõe sobre introduzir alguns limites à questão do saber exposto. Certamente, o saber suposto em análise não basta para que haja transmissão da psicanálise. O saber deve ser exposto, mas temos que saber que o saber exposto, ou melhor, a perspectiva da formalização clínica é uma perspectiva não-toda. Ou seja, que é um esforço de formalização. Lacan já assinalava isto no Seminário 20: que o real não se inscreve senão como um impasse da formalização. Nesse ponto, me parece que se introduz aquilo que Jacques-Alain Miller chamou de um esforço de poesia. Para dizer isso de outro modo, a nossa formalização e o saber exposto não podem ser senão um saber poético, ou seja, que está *entre* a formalização

matematizada e o esforço de poesia. Ela cavalga *entre* ambos os campos. Por isso, tem que estar em jogo a tripa, a paixão, o que se localizava desse outro lado.

Marcela Negro: É uma pergunta para Marcus. Se entendi bem, você fez uma diferenciação entre produzir um ponto de exceção e fazer como se ele fosse real. Se possível, pediria que pudesse desenvolver isso um pouco mais.

Participante: Tenho a impressão de que aqueles que, como nós, tentam introduzir algo da psicanálise nas faculdades e que não são da Psicologia têm mais sorte. Será que isso acontece por nos sustentarmos mais facilmente em um ponto de extimidade?

Marcela García: Ótima pergunta! Dou aulas em Ciência da Educação e a psicanálise conta com uma boa recepção, porque abre para outras questões do sujeito.

Gilson Iannini: Gostaria de parabenizar essa mesa excelente. Minha pergunta está relacionada com o discurso de Alejandro Reinoso. Não estaria na hora de desimaginarizar a teoria dos quatro discursos abandonando seus nomes que reinjetam imagens? Quando insistimos em difamar o discurso universitário, tendemos a colar o discurso universitário na Universidade, quando, de fato, o discurso universitário pode ocorrer em qualquer lugar, inclusive nas instituições analíticas. Talvez uma formalização radical da teoria dos quatro discursos devesse abandonar os significantes “mestre”, “universitário”, “histórico”, “analítico” e substituí-los pelo discurso de S_1 , S_2 , S , a . Isso se deve ao fato de que injetamos imagens nas matemáticas que deveriam esvaziá-las.

Ana María Solís: Muito obrigada por vocês terem aceitado o convite, Marcus, Fabián e Alejandro. Queria marcar três coisas em torno do que vocês estão propondo. Uma tem a ver justamente com um discurso que não seja defensivo, que é um pouco o que você marcava, Marcus. No caso de Alejandro, falar a língua do Outro e não falar em “lacanês”. Creio que Fabián traz algo interessante que é a posição do clínico. Então, me perguntava se a transmissão, justamente produzir um ponto de exceção, tem a ver com a transmissão da clínica. Um último ponto – tocado por Alejandro – é que esses cinco encontros ocorreram em função da pergunta sobre como transmitir a psicanálise na universidade. Aqui também seria possível perguntar sobre como transmitir a psicanálise com os colegas da universidade, das psicologias. Esse me parece ser um ponto que Alejandro toca através da conversação e considero que deveríamos seguir trabalhando em torno dele na RUA. Muito obrigado.

Andrea Berger: Muito obrigada pelas apresentações. Elas me pareceram muito interessantes. Retomei um traço de cada um, os quais parecem trazer uma fórmula possível para nossa inserção na universidade e que são não falar em “lacanês”, pegando pelas tripas – como disse Marcus – e o *entre* ao qual Fabián se referiu. Muitas vezes li essa citação do Seminário 24 e a verdade é que me debatia ao pensar que a escolha está no *entre*. Isso me esclareceu muito. Para incluir a vinheta, me parece que temos que ter conceitos, temos que ter as classificações e uma maneira de armar a transmissão. Mas, sem dúvida, temos a singularidade de cada caso, não o *singularismo*.

Inés Sotelo: Obrigada pelas exposições. Tenho interesse por algo que me preocupa muito que é o fato de que para poder transmitir não é necessário deixar de estar na universidade. Esse é um ponto-chave que não está assegurado de nenhuma maneira. Alejandro retomava muitas questões-chave: a interlocução com os outros, as funções, a participação, a presença, a ingerência nos planos de estudo que também vão mudando. No último *Caldero*, em uma entrevista com Miller, lhe perguntavam o que se espera dos estudantes? [e ele:] que tomem o bastão. Então, me parece que a outra pergunta que venho me fazendo há algum tempo é “para quem falo?”, “para quem transmito?”, “para que jovens nos dirigimos?”. Aí, parece que há questões que vocês marcaram para pensar. Por fim, eu acredito que, sim, é quando apresentamos o caso, mas fundamentalmente quando o que se apresenta aí é o desejo do analista, o desejo de transmissão. Aí tem uma chave que vivifica as aulas e é essa transmissão desembaraçada, não criptografada – até mesmo de citações, porque os alunos contam com o Google e todas as citações que aprendíamos de cor eles têm antes de nós. Então, me parece que o que poderia garantir – assim espero – é sustentar esse desejo de transmissão.

Alejandro Reinoso: Não falar em “lacanês” não significa impor uma inibição para si. Não é isso. Significa falar a língua do Outro assim como fazemos em uma sessão. Como falar a língua da aula? O que dizem sobre o caso Dora? Antes de começar a explicar o caso, o que dizem? Isso é instalar algum segmento de conversação no interior do saber exposto. Habitar, a propósito do que Inés dizia, eu propunha isso no sentido em que Lacan apreende de Heidegger. Habitar é construir uma ponte e isso nós também fazemos na sessão. Às vezes, construímos pontes na sessão. Heidegger dizia que quando construímos uma ponte forma-se uma cidade em torno dela. E por último, desimaginarizar a teoria, não tomar isso em termos de cancelamento senão de como os discursos se encarnam. O que seria o mestre nesse contexto? Por exemplo, na tradução ao italiano do Seminário 17, Di Ciaccia tinha a ideia de colocar O Príncipe no lugar do

mestre porque era isso que cabia ao povo italiano. Teria que ver em outros casos o que colocamos aí.

Marcus André Vieira: Agradeço muito a todos, especialmente ao Gilson, porque muitas das coisas que menciono aqui ele me passou. Em relação à diferença entre o real, eu diria assim: quando o silêncio tem valor de real, estamos no ambiente onde o real é o furo. As pessoas creem que o real é o furo e que o furo é o real. Nem sempre o silêncio tem valor de real. Essa ideia muito neurótica de que estou em um elevador, estou em silêncio com alguém, há real porque há silêncio. Esse é o furo que se crê como sendo real. Nem sempre é assim. Agora outra experiência: como dizia Barthes, quando estamos lendo algo e temos que levantar a cabeça para continuar lendo. O que encontramos é o ponto de real que nos abre ao silêncio. Quando o silêncio é real, é o silêncio do mestre.

Fabián Schejtman: A respeito de desimaginarizar os discursos, me parece que não é o caminho mais conveniente. Estamos no imaginário, dizia Lacan. Podemos desimaginarizar isso hoje e isso vai tomar outra significação amanhã. A questão é como nos servimos do imaginário e como nos servimos das paixões, eventualmente. Então, me parece que podemos recolher um termo que Lacan lança no Seminário 22: “mesologia”. Ele aproxima a psicanálise da mesologia, a ciência do *entre*. Vocês já viram: ecto, endo e meso, o que está entre. Parece-me que o lugar do desejo é esse lugar entre. O que Inés dizia antes, me parece que devemos nos apoiar aí e isso pode ser abordado *entre* imaginário, simbólico e real.

Nieves Soria: Um agradecimento especial a Alejandro, Marcus e Fabián e a todos que estão presente tanto aqui como no Zoom.

Transcrição e estabelecimento: Marcela F. Mas

Tradução: Diego Cervelin